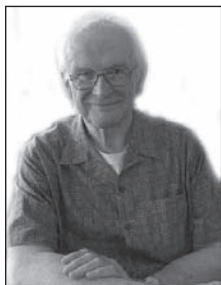


INTERNET E EDUCAÇÃO: NO CONTROLE DO SEU PRÓPRIO APRENDIZADO.



Crawford Kilian

Mestre pela Simon Fraser University, do Canadá. Bacharel pela Columbia University, dos EUA. Autor de mais de 20 obras ficcionais e não ficcionais, além de diversos artigos publicados sobre educação e comunicação interativa. Como educador, atuou em diferentes instituições de ensino canadenses, como: Douglas College, Capilano College e Vancouver Community College. Desenvolveu e ministrou cursos online e presenciais sobre redação e literatura, dos quais se destacam os cursos de redação para a Web, Redação Técnica, Marketing Comercial, além de cursos para programas de formação profissional.
E-mail: crof@shaw.ca

Ana Laura – Nosso objeto de discussão aqui são os caminhos e descaminhos da educação para os media, ou seja, o uso eficaz das tecnologias e meios digitais para a construção do conhecimento e para a aprendizagem. Que análise o Sr. faz das ferramentas midiáticas do ponto de vista do acesso, da qualidade e da natureza dos conteúdos hoje disponibilizados para educação de crianças e jovens?

Estudioso da sociedade da informação, o norte-americano naturalizado canadense Crawford Kilian sagrou-se o grande nome do webwriting (redação para Web) no mundo. Kilian tem ainda se dividido entre a publicação de uma vasta gama de obras literárias e o papel de educador, com um grande interesse pelo estudo do uso dos computadores na educação e da produção online do que chama de “comunicação verdadeiramente interativa”.

Nesta entrevista à jornalista e pesquisadora da Universidade do Minho (Portugal) Ana Laura da Rocha Moreira, Crawford Kilian discute os caminhos e descaminhos do uso das mídias digitais na educação e pela Internet. O escritor aborda desde as formas de estimular o gosto pela leitura entre jovens ao desafio de elaborar livros (eletrônicos ou não) cada vez mais atraentes. Destaca o papel do educador no despertar do pensamento crítico e criativo dos jovens no contato com o mundo Web e, principalmente, ressalta as potencialidades da educação a distância, em especial, no estímulo ao espírito colaborativo e à cultura participativa entre as novas gerações. Para Crawford Kilian, os sonhos de “um computador para cada aluno” e do “educador com o completo controle do processo de aprendizagem” são coisas do passado. Hoje os alunos estão com o leme e são eles que controlam seu próprio aprendizado, e é isso que ele tenta mostrar ao descrever, nesta entrevista, exemplos e experiências práticas de educação mediada por computadores em curso no mundo.

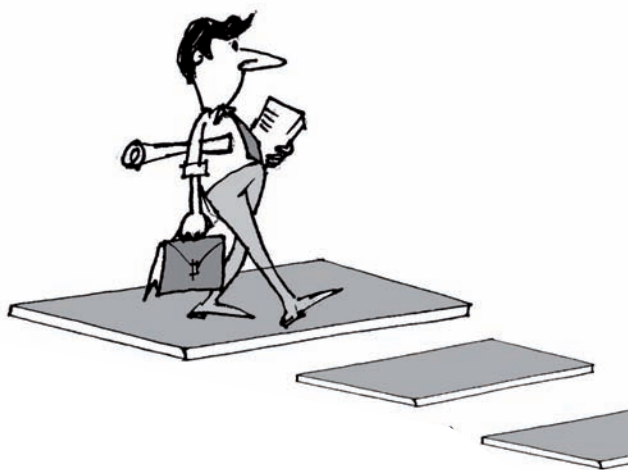


Ana Laura da Rocha Moreira

Bacharel em Comunicação Social pela UniverCidade (Brasil), Professora de Tecnologias da Informação e Comunicação no Colégio Lusó Internacional do Porto (Portugal). Mestranda pelo Instituto de Estudos da Criança, da Universidade do Minho, em Braga, onde desenvolve estudos sobre a literacia¹ digital, seus riscos e suas oportunidades para a construção da cultura participativa entre jovens.
E-mail: alaururocha@yaboo.com

Crawford Kilian – O problema é que os nossos alunos estão sempre à nossa frente. Quando começamos a utilizar blogs nas aulas, eles já estão usando o Facebook ou o Twitter. Quando os conseguimos alcançar, eles já passaram adiante. Porém, ao falarmos de ferramentas midiáticas cada passo à frente é também um passo atrás. Um manual escolar possui mais informação do que um *website*. Um *website* possui mais informação do que um *post* num *blog*. Um *post* num *blog* possui mais informação do que uma página do Facebook ou um *tweet*. Essa fragmentação de informação força os alunos a recriarem a ideia geral de pequenos fragmentos de informação. Eles nem sempre entendem que a ideia geral realmente existe. Eles aceitam “factoides” em vez de montá-los numa estrutura maior, como faz um livro.

¹ A expressão **Literacia** diz respeito à destreza no emprego de determinada língua ou linguagem. A definição de “literacia mediática em ambiente digital” ou simplesmente “literacia digital” surgiu na ‘National Leadership Conference of Media Literacy’ (Anferbeide, 1993) e refere-se à “capacidade de aceder, analisar, avaliar e comunicar mensagens numa variedade de formatos”, onde se destaca o protagonismo do usuário na construção do seu aprendizado e do conhecimento.



Ana Laura – *Então o que poderia ser feito para que possamos oferecer aos alunos essa ideia geral em ambiente online?*

Crawford Kilian – Uma possibilidade é fazer um jogo do tipo “Caça ao Tesouro”: mande os alunos pesquisarem na web uma lista de fatos ou pessoas ou *websites*. A lista pode parecer aleatória, mas tudo o que estiver na lista vai ter algo relacionado com todo o resto. Quando eles retornarem com a informação referente aos itens de cada lista, eles poderão relacionar os itens e falar sobre como eles se encaixam numa estrutura de ideias mais ampla.

Ana Laura – *No cerne da literacia digital está a destreza, o domínio da linguagem. Indicadores internacionais da qualidade da educação revelam uma crescente deficiência dos jovens na comunicação escrita. Pode-se atribuir à Internet e à linguagem cifrada usadas pelas novas gerações em chats, e-mails etc. a má qualidade da comunicação escrita entre jovens? Por quê?*

Crawford Kilian – Todo *meio* tem a sua tecnologia própria, que requer habilidades específicas. Há sessenta anos atrás tive de aprender caligrafia e ser capaz de produzir uma escrita legível com uma caneta ou lápis. Hoje em dia verifico que existem alunos que não conseguem sequer segurar um lápis corretamente. Por que deveriam, quando eles habitualmente se comunicam pelo teclado? Eles conseguem digitar 144 caracteres num *tweet* ou enviar um torpedo pelo celular aos amigos, mas escrever um longo e bom texto é muito difícil. Isso porque escrevemos por imitação daquilo que lemos. Se estamos habituados a ler passagens muito curtas, não é fácil escrever passagens mais longas.

Ler um texto numa tela de computador também é mais difícil do que numa página impressa. Porém, esse tipo de leitura pode ser facilitado se for devidamente exposto: divida um parágrafo longo em dois ou três parágrafos mais curtos; decomponha uma frase longa em duas ou três frases curtas; coloque uma linha em branco entre os parágrafos, e acrescente alguns subtítulos para ajudar os alunos a seguir o argumento. Dessa forma, eles vão começar a entender o texto.

Ana Laura – *Cada vez mais as novas gerações se afastam da leitura de textos mais densos e das obras literárias. Como resgatar o gosto pela*

leitura entre jovens e adultos? Os kindle e os e-books podem ajudar nessa recuperação do domínio da linguagem e do gosto pelo texto ficcional?

Crawford Kilian – Eu tenho a esperança de que os leitores de *e-books* resgatem o interesse pela leitura, mas talvez também estejamos precisando de livros com melhor *design*. Alguns leitores das novas gerações gostam de sentir o papel sob os dedos e o cheiro da tinta. Esses são estímulos, assim como as imagens, vídeos e sons que encontramos em muitas páginas *web*. Um livro com boas ilustrações, impresso num bom papel, poderia atrair leitores tão-somente por essas razões.

Entretanto, consigo imaginar recompensas sensoriais similares na leitura de um *e-book*. O escritor americano de ficção científica Ray Bradbury já havia pensado nisso quando, em 1950, escreveu as *Crônicas de Marte*. Ele descreve um marciano, com olhos dourados, acariciando com os dedos as páginas de um livro. O livro respondeu com a reprodução de uma música.

Ana Laura – *O Projeto Elit², que estudou o nível de literacia informacional entre estudantes universitários na Europa, chegou à conclusão que em alguns países (Portugal, por exemplo) o nível de escrita criativa é baixo e que os alunos cada vez mais fazem o uso do “Copy & Paste”, ou seja, copiam e colam informação de sites como o Wikipédia. O que poderia ser feito para fomentar a escrita e evitar o plágio?*

Crawford Kilian – Este é um grande problema na América do Norte, sobre o qual escrevi recentemente (<http://theyee.ca/Life/2010/08/09/PlagiarismForBeginners/>). Assim que eu comecei a lecionar nessa área, no início dos anos 90, eu vi o plágio. Um aluno tinha acabado um trabalho e passou-o aos seus colegas de turma. Eles “pegaram o trabalho emprestado” da mesma maneira que eu ou você pegaríamos uma caneta ou um *clip*. Mas os meios online incentivam esse tipo de empréstimo como “reciclagem” ou “amostragem” ou “misturas”, ou seja, as pessoas se apropriam da informação de outras pessoas, e daí constroem a sua própria informação. Isso é muito parecido com a resposta a uma grande obra literária, como o *Senhor dos Anéis*, de Tolkien. Assim que eu li o livro, em 1956, eu escrevi uma história exatamente como essa! E assim fizeram milhares de outras pessoas. Algumas delas publicaram as suas próprias histórias fantásticas sobre duendes, criaturas estranhas e feiticeiros. Outros criaram jogos como o “*Dungeons & Dragons*”³.

Teremos de ensinar aos nossos alunos a teoria que está por trás da ficção fantástica e incentivá-los a criar as suas próprias fantasias. Tomando como exemplo um caso da literatura em português, imagine se pedíssemos aos alunos, brasileiros ou portugueses, para escreverem histórias ambientadas no mundo de José Saramago no seu “Ensaio sobre a Cegueira”? Ou em outros mundos baseados numa mudança dos nossos sentidos?

² Elit.pt (2010). “A Literacia Informacional no Espaço Europeu do Ensino Superior: Estudo da Situação das Competências da Informação em Portugal”. Disponível em www.elit.pt [Acesso em 17 de fevereiro de 2010].

³ O game *Dungeons & Dragons* é um RPG (jogo de interpretação de personagens) de fantasia medieval desenvolvido originalmente por Gary Gygax e Dave Arneson, e lançado no Brasil pela Grom.

Eu adoraria perguntar a uma turma: “Imaginem uma doença que dá a todos visão de raio X: as pessoas são capazes de olhar através dos corpos de outras pessoas e verem um câncer crescendo ou a tuberculose se espalhando. Escrevam uma estória sobre uma adolescente que vê que o seu namorado tem um tumor cerebral.” Ou: “escrevam uma estória sobre um crime, testemunhado por um grupo de jovens que descrevem o crime para os seus amigos enviando torpedos”. Será que também vão enviar torpedos para a polícia? Ou será esse um crime que ficará pelo mundo online?

Ana Laura – *O universo da WEB tem sido apresentado por diferentes pensadores como espaços de conhecimentos “emergentes, abertos, contínuos e não lineares”. Todavia, vemos toda sorte de conteúdos hoje na Internet, nem sempre confiáveis, nem sempre engajados numa filosofia de tolerância e respeito à diversidade. Também a democratização de seu acesso à Internet é bastante questionável em muitos países, entre eles o Brasil. Mesmo assim, pode-se acreditar numa educação crítica, capaz de preparar indivíduos colaborativos e participativos, quando apoiada em ferramentas midiáticas ainda hoje excludentes?*

Crawford Kilian – Na União Soviética todos estavam expostos à propaganda, mas ninguém lhe dava valor. No Ocidente todos estão expostos à propaganda, mas a diferença é que nós prestamos atenção. Depois ficamos preocupados, ou porque cheiramos mal, ou estamos gordos demais ou não nos vestimos no estilo correto. Aqueles que absorvem esse tipo de propaganda podem achar que as mensagens veiculadas não são para ajudá-los, mas para controlá-los. Talvez lhes faltem competências críticas para questionar aquilo que lhes é dito. Cabe aos professores ensinar tais competências. Os professores deveriam mostrar aos alunos como e por que a *media* pode ser enganosa (os professores deveriam incentivar os alunos a praticar o pensamento crítico também em relação aos próprios professores!). Os professores deveriam dar aos seus alunos oportunidades para fazerem a sua pesquisa online sobre esses

Os professores deveriam mostrar aos alunos como e por que a media pode ser enganosa (os professores deveriam incentivar os alunos a praticar o pensamento crítico também em relação aos próprios professores!).

e outros temas, defendendo os seus pontos de vista. Isso seria o início de um verdadeiro debate.

Ana Laura – *O Sr. fala sobre a função dos professores na educação para os media. Mas qual seria a participação dos pais nessa questão? Também eles não desempenham um papel importante na orientação dos seus filhos com relação à Internet?*

Crawford Kilian – É verdade, especialmente na escola primária. Mas conforme eles passam para os níveis secundário e pós-secundário eles se tornam mais críticos e céticos com respeito aos valores que os pais (e também professores!) tentam transmitir. Isso é um processo natural. Pais e professores sensatos querem, por bons motivos, que os seus filhos questionem esses valores, sem sentir que eles apenas querem tornar-se “independentes”. É claro que os educadores têm outro problema, pois muitos pais não são pensadores críticos e não desejam que os seus filhos questionem as crenças e valores nos quais eles acreditam. Talvez os educadores não possam fazer muito com relação aos pais, mas podem, no mínimo, assinalar que os alunos irão lidar com diferentes pontos de vista durante o curso das suas vidas e que precisam desenvolver o seu senso crítico para serem capazes de fazer julgamentos cuidadosos e razoáveis.

Ana Laura – *Voltando à literacia digital, como poderíamos estimular a colaboração, a participação social e a cidadania utilizando as tecnologias de informação e comunicação?*

Crawford Kilian – Deveríamos identificar quais são os interesses e as ansiedades dos nossos alunos. Depois deveríamos ajudá-los a encontrarem “comunidades de interesse” online, onde eles pudessem partilhar esses interesses e ansiedades com outras pessoas. Como os alunos aprendem mais uns com os outros e com os especialistas nessas comunidades, eles vão ganhar confiança e dominar as capacidades de argumentação racional e persuasiva.

Ana Laura – *Mas do ponto de vista educacional, conseguirá a escola transpor essa experiência das comunidades online para o convívio social efetivo, mudando comportamentos dos jovens e suas práticas de cidadania?*

Crawford Kilian – Nós já temos o exemplo dos “flash mobs”, quando centenas ou milhares de pessoas se juntam em um só lugar após se organizarem online. Também podemos observar o impacto das páginas do Facebook que são criadas para obter apoio para uma causa ou pessoa. Os educadores poderiam explorar a criação de *blogs* de alunos, promovida pelas escolas, a fim de fomentar alguma questão local ou regional, como, por exemplo, hábitos alimentares mais saudáveis ou para relatar notícias atuais na perspectiva dos estudantes. Imagine um *blog* feito por um estudante sobre o resgate dos mineiros chilenos, incluindo *clips* tirados de *sites* de meios de comunicação do mundo inteiro, ou então sobre a história da sua região. Efetivamente, o que se trata aqui é mudar o perfil de consumidores de informação para editores de informação.

Ana Laura – *Muitas escolas estão bloqueando o acesso dos alunos às redes sociais. O Sr. concorda com isso?*

Crawford Kilian – Ainda não tenho uma opinião definida sobre esse assunto. Na sala de aula, o acesso dos alunos às redes sociais pode ser um motivo de distração para todos. (Admiro a solução encontrada por uma escola da British Columbia⁴: a colocação de grandes espelhos na parede posterior da sala de computadores auxilia o instrutor a ver o que os alunos realmente estão fazendo na Internet. Mas como também tenho podido observar, as regras de execução contra o acesso são igualmente perturbadoras. Provavelmente a melhor solução é pedir aos alunos para assinar um contrato com a escola, prometendo usar o acesso online somente nos termos estabelecidos pelos instrutores.

Ana Laura – *É possível ou mesmo recomendável utilizar os mecanismos das redes de relacionamento em novas práticas de ensino-aprendizagem online? Poderia exemplificar por quê?*

Crawford Kilian – É certamente aconselhável a utilização de redes sociais, e talvez seja inevitável. Afinal, a escola também é uma rede social! A utilização de laptops e telefones inteligentes é uma oportunidade, assim como pode ser um problema. Eu tenho encontrado algum sucesso no que eu chamo de “swarm learning” (em português: “aprendizagem em enxame”), na qual os alunos trabalham em grupos ligados à Internet para encontrar respostas para desafios lançados por mim. O objetivo não é testar aquilo que eles memorizaram, mas se souberam interpretar a questão e encontrar a resposta. Eles entram online de qualquer maneira para buscar informações. Nós simplesmente precisamos lhes dar algo útil para pesquisar, não uma futilidade qualquer. Também constatei que as competências de pesquisa online dos alunos são muito mais fracas do que eles pensam. Eles ouvem atentamente quando o instrutor lhes mostra como melhorar suas habilidades com pesquisas avançadas do Google, por exemplo.

Ana Laura – *Uma pesquisa recente feita por uma empresa multinacional revelou que a produção diminuiu bastante devido ao tempo que os trabalhadores passam nas redes sociais e em serviços de mensagens instantâneas. O Sr. é da opinião de que o acesso às redes sociais deveria ser bloqueado nos locais de trabalho? Como se poderia alcançar um equilíbrio?*

Crawford Kilian – A natureza viciante das redes sociais e dos serviços de mensagens é bem conhecida. Mas é difícil proibir o seu uso, porque os trabalhadores podem sentir que estão sendo controlados no trabalho. Talvez os empregadores pudessem estabelecer “intervalos online”, como fazem com as pausas para café ou para fumar: Nos dez últimos minutos de cada hora os trabalhadores poderiam utilizar a Internet e, em seguida, retomar as suas tarefas regulares durante os próximos cinquenta minutos.



Ana Laura – *Qual o impacto que a educação a distância está tendo no campo de trabalho?*

Crawford Kilian – O que está tendo um grande impacto no Canadá é o surgimento de cursos e programas para os trabalhadores em tempo integral. Eles não podem se dar ao luxo de gastar tempo e dinheiro com os cursos regulares, mas estão ansiosos por participar de cursos intensivos de fins de semana. De sexta-feira à noite até domingo à tarde estão numa sala de aula com um ou mais professores. Depois eles têm até seis semanas para fazerem os trabalhos de casa antes de voltarem para um outro fim de semana. Nesse ínterim eles podem trocar e-mails ou conversas telefônicas online com os professores e colegas.

Um colega meu da *British Columbia* foi pioneiro nessa forma de ensino no campo de educação para o turismo. Ele promoveu ainda este tipo de curso para estudantes de *Newfoundland*⁵, no outro lado do Canadá: ele voa por todo o país para atender os alunos, em seguida volta para casa e interage com eles por e-mail até sua próxima visita.

Vemos também uma maior utilização de cursos online para melhoria das qualificações das pessoas que vivem em áreas remotas. Temos uma organização, a BCcampus (<http://www.bccampus.ca/>), que funciona como uma câmara de compensação para todos os cursos online da *British Columbia*. Assim, por exemplo, um assistente jurídico, que vive no norte da província, pode se inscrever num curso online baseado em uma faculdade ou Universidade em Vancouver. O curso é susceptível de ter estudantes de toda a *British Columbia*, porém se uma escola local tentasse oferecer esse mesmo curso em sala de aula regular não teria alunos suficientes para permitir sua realização.

Ana Laura – *Parece que as escolas e os pais estão mais preocupados em educar as crianças contra os riscos que podem encontrar ao utilizar a Internet do que mostrar-lhes todas as oportunidades que a Internet pode trazer. O medo que os pais sentem de que os seus filhos tenham uma má experiência online precede as vantagens que possam vivenciar nesse tipo de educação. Por outro lado, existe a crença de que os mais jovens são nativos*

⁴ Colúmbia Britânica, uma das dez províncias do Canadá, localizada na parte ocidental do país.

⁵ Newfoundland (Terra Nova) é uma província canadense localizada na parte oriental do país.

■

O papel do professor é o de mostrar ao aluno como a pesquisa por informação verdadeira pode ser tão emocionante quanto a busca de emoções fáceis, seja na escola, no trabalho ou na pesquisa por tema de interesse pessoal. Se o aluno aprende a aplicar o pensamento crítico em todas as fontes de informação online, em breve os sites abusivos vão parecer ruins por comparação.

■

digitais e que não precisam de orientação, pois acabarão por aprender por conta própria. Qual a sua opinião sobre o assunto?

Crawford Kilian – A minha experiência diz que os alunos ensinam uns aos outros para encontrar e utilizar apenas um punhado de recursos online, mas eles raramente exploram para além desses recursos. Mas esse também é um meio onde se encontram informações que podem ser viciantes: *websites* com linguagem ofensiva, pornografia ou temas “tabu”. Portanto, se os alunos ficam viciados nesse tipo de informação será difícil para eles fazerem uma utilização mais madura da Internet. O papel do professor é o de mostrar ao aluno como a pesquisa por informação verdadeira pode ser tão emocionante quanto a busca de emoções fáceis, seja na escola, no trabalho ou na pesquisa por tema de interesse pessoal. Se o aluno aprende a aplicar o pensamento crítico em todas as fontes de informação online, em breve os sites abusivos vão parecer ruins por comparação.

Ana Laura – *Concorda que, além de democratizar o acesso à Internet, o uso da Internet também deveria ser democratizado?*

Crawford Kilian – Nos anos 90 estávamos ansiosos por poder usar computadores nas aulas, mas ao mesmo tempo hesitantes porque muitos ainda não tinham acesso a eles, fosse em casa, na escola ou em instituições públicas, como bibliotecas. Essa situação sofreu uma grande alteração, porém ainda vemos alu-

nos que utilizam a *media* online somente como consumidores. O uso democrático da internet implica a produção de conteúdo por todos, mas ainda observamos uma produção relativamente pequena pelos grupos de baixa renda e outros grupos menos favorecidos. Eu tenho fé que essa situação vá mudar; essas pessoas têm muito a nos ensinar e nós temos muito para ensinar uns aos outros.

Ana Laura – *Como poderíamos incentivar a produção de conteúdos online? Estaria esse incentivo somente sob a responsabilidade das escolas?*

Crawford Kilian – A escola certamente pode patrocinar a produção e a publicação online dos seus alunos. Por exemplo, um blog de notícias, escrito pelos alunos, sobre o desempenho da equipe de futebol da escola. O próprio *website* escolar poderia ter *links* para os *websites* dos alunos, e é óbvio que os professores teriam de orientá-los a fim de assegurar que o material editado fosse construtivo e bem escrito, sem ser de caráter abusivo. O mesmo poderia ser feito por outras organizações: igrejas, clubes, grupos profissionais. Porém, as escolas são mais suscetíveis de terem os melhores recursos para o apoio e a orientação dos alunos.

Ana Laura – *Qual a sua opinião sobre o futuro da educação online no mundo?*

Crawford Kilian – A educação online irá tornar-se um aspecto importante em todos os programas educativos, especialmente para estudantes que trabalham ou que vivem em regiões remotas. Contudo, tanto os alunos quanto os professores irão sempre dar preferência ao forte componente “face a face”.

Ana Laura – *Quer dizer que a educação semipresencial será um instrumento eficaz para democratizar o acesso à educação, mantendo o contato tradicional professor-aluno?*

Crawford Kilian – Sim. No Canadá, chamamos de “Educação Distribuída”, e está se tornando um dos principais componentes de muitas escolas e currículos do ensino pós-secundário. Neste componente os alunos têm contato F2F (*Face to Face*), mas irão passar a maior parte do tempo fazendo as suas leituras e pesquisas online, incluindo a interação com o instrutor e com os seus pares. Por exemplo, atribuí aos meus alunos um trabalho para ser feito em grupo no qual eles deveriam desenvolver um plano para a execução de uma tarefa mais elaborada. Solicitei que eles me entregassem as impressões dos e-mails trocados em grupo. Como eu tinha dado uma aula sobre como escrever um e-mail de forma eficaz, pude verificar, por essa troca de e-mails, o quanto eles tinham absorvido dessa aula.

Ana Laura – *Por outro lado, dependendo do modelo pedagógico adotado, a educação online não poderá causar a individualização do processo ensino-aprendizagem? Não se distancia das trocas possíveis e necessárias entre alunos e grupos, trocas essas que desenvolvem o espírito colaborativo e a cultura participativa? A colaboração online será suficiente?*

Crawford Kilian – Certamente que nos veremos diante de um ensino-aprendizagem mais individualizado, mas que provavelmente será feito mais na base do voluntariado. Costumo aconselhar aspirantes a escritores que me solicitam ajuda por e-mail. Porém eu me sentiria mal em lhes cobrar por esse tipo de conselho, e poucas escolas podem incluir tal interação em um curso, pois seria demasiado demorado e dispendioso. Eu tenho o luxo de ser aposentado, portanto eu posso fazer como quiser!

Ana Laura – *Quais os desafios do educador neste século em face da evolução das TICs e da expansão da educação online?*

Crawford Kilian – O meio online pode estimular alunos “auto-propulsionados”, os quais escolhem as suas próprias agendas. Mas também pode atrair “consumidores passivos”, que só procuram sensações/estímulos. Posso até imaginar que uma nova tecnologia

qualquer as tornem tão atrativas e poderosas que teremos que desencorajar o uso da Internet nas escolas. Todavia, as novas tecnologias poderiam incrementar a componente F2F de ensino, tornando assim a educação online muito mais eficaz.

Um outro fator a ser considerado é a possibilidade do “comércio livre” em educação. Suponha que os estudantes brasileiros preferissem fazer um curso online do Canadá, no qual obteriam um certificado canadense. As autoridades brasileiras poderiam não gostar e ficar relutantes em deixar o mercado educativo lhes escapar. Mas isto é apenas um palpite. Quando eu era um jovem professor, em 1970, sonhava com uma sala de aula onde cada aluno estaria sentado em frente a uma tela de computador. E cada tela de computador mostraria aquilo que eu queria que eles vissem. Eu queria o *controle*. Mas quando os computadores chegaram, os alunos tomaram o controle.

Veremos mais surpresas no futuro.

